

A DITADURA CIVIL-MILITAR (1964-1985) E A REPRESSÃO ÀS UNIVERSIDADES: A TRAJETÓRIA DE WANDERLEY GUILHERME DOS SANTOS (1935-2019)

*The Civil-Military Dictatorship (1964-1985) and repression in universities:
The trajectory of Wanderley Guilherme dos Santos (1935-2019)*

Lucas Barroso Rego

Mestrando em História Social pelo Programa de Pós-graduação em História Social (PPGHIS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Possui especialização em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e o mundo do trabalho pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). É licenciado em História pela Universidade Candido Mendes (UCaM) e bacharel em História pela UFRJ. É pesquisador vinculado à Divisão de Memória Institucional (DMI - SiBI/UFRJ), atuando na linha de pesquisa “A UFRJ e Ditadura Civil-Militar (1964-1985)”.

Resumo

Durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), as universidades tornaram-se centros de intensa repressão e controle autoritário. Professores se tornaram alvo de perseguições políticas, resultando em aposentadorias compulsórias, demissões arbitrárias, prisões e torturas, o que impactou negativamente a pesquisa, especialmente nas áreas das Ciências Humanas. O objetivo deste estudo é analisar a trajetória de vida de um deles, Wanderley Guilherme dos Santos, importante cientista político do país. Para esse fim, a metodologia empregada é qualitativa e focada em estudo de caso. Os resultados destacam a repressão sofrida pelo docente, mas também suas formas de resistência ao continuar produzindo ciência no período. Nesse cenário, a presente investigação reforça a necessidade constante de reconhecimento das trajetórias individuais para uma compreensão mais profunda do período ditatorial e seu legado na educação superior brasileira.

Palavras-chave: ciência política; ditadura civil-militar; censura; biografia; Universidade Federal do Rio de Janeiro

Abstract

During the Brazilian civil-military dictatorship (1964-1985), universities became centers of intense repression and authoritarian control. Professors were targeted for political persecution, resulting in compulsory retirements, arbitrary dismissals, imprisonment, and torture, which negatively impacted research, especially in the Humanities. The aim of this study is to analyze the life trajectory of one of them, Wanderley Guilherme dos Santos, an important political scientist in the country. To this end, the methodology employed is qualitative and focused on a case study. The results highlight the repression experienced by the professor, but also his forms of resistance by continuing to produce science during this period. In this context, the present investigation reinforces the constant need for recognition of individual trajectories for a deeper understanding of the dictatorship period and its legacy in Brazilian higher education.

Keywords: political science; civil-military dictatorship; censorship; biography; Federal University of Rio de Janeiro

Introdução

Durante a ditadura civil-militar (1964-1985), as universidades brasileiras foram espaços de intensas disputas, vigilância e controle autoritário. A repressão institucional manifestou-se de diversas formas, tanto dentro quanto fora dos *campi*. O ambiente universitário foi um dos principais alvos dos agentes da repressão desde o Ato Institucional número 1 (AI-1). Dezenas de professores enfrentaram perseguições políticas, aposentadorias compulsórias, demissões arbitrárias, expurgos, prisões e torturas.

A então Universidade do Brasil (UB), atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ilustra esse cenário de repressão, que não iniciou com o golpe de 1964. Antes mesmo do início da ditadura, a instituição já contava com sanções internas. Professores, estudantes e técnicos podiam ser advertidos, repreendidos, suspensos e demitidos, dependendo da *gravidade* da infração, em um processo rápido e sumário.

A repressão, a partir de 1964, resultou em uma significativa redução do corpo docente da instituição, na expulsão de estudantes e em um grande impacto negativo no desenvolvimento de pesquisas, especialmente nas áreas de Ciências Humanas, Sociais, Artes e Letras. As bibliotecas universitárias, a produção de pesquisas acadêmicas e a liberdade para o desenvolvimento do pensamento crítico sofreram com a censura.

Muitos professores foram cassados pela instituição e outros se aposentaram, sem reposição na mesma velocidade, apesar do fim do regime de cátedra¹. Por esses motivos, o campo da pesquisa se enfraqueceu, por exemplo, no recém-criado Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), em que houve uma ausência de defesas de dissertações no *campus* até o ano de 1982 (Ferreira, 2014).

Dentre os 46 docentes cassados pela UFRJ durante o regime ditatorial, um deles foi Wanderley Guilherme dos Santos (1935-1954), um dos mais importantes cientistas políticos do Brasil e autor de diversos livros na área de Ciências Sociais, com ênfase em Teoria Política. É considerado por Lynch (2020) como o principal fundador da moderna Ciência Política no país.

Não chegou a ser preso pelo regime ditatorial, mas foi demitido compulsoriamente de seu cargo público e ficou desempregado, com exemplares de seus livros apreendidos pela ditadura. Durante um longo período, trabalhou informalmente como tradutor de livros de bolso em espanhol, que eram vendidos em diversas bancas de jornais na cidade de Rio de Janeiro, e na produção de literatura política.

Devido à sua importância para o campo das Ciências Humanas no Brasil e aos im-

1 A cátedra era uma posição de destaque em instituições de ensino superior, ocupada por professores reconhecidos por sua experiência e contribuições em uma área específica. Tradicionalmente, confere prestígio e autoridade acadêmica, permitindo ao catedrático liderar pesquisas, ministrar aulas e orientar estudantes.

pactos da repressão em sua produção científica, sua trajetória de vida é notória para a compreensão deste capítulo da história do país. A análise da trajetória de Wanderley Guilherme nesse contexto, portanto, não só ilumina a amplitude da censura ditatorial, mas também sublinha a importância de publicizar sua memória e contribuições para a ciência brasileira em um contexto de cerceamento do pensamento livre e crítico.

Nessa direção, um caminho para compreender os impactos da repressão dentro da Universidade pode ser trilhado a partir de uma perspectiva que analisa como a conjuntura autoritária afetou a instituição por meio da história de vida de seus docentes cassados, reconhecendo que uma escala particular de observação pode gerar novos enquadramentos e abordagens (Revel, 1998).

Nessa concepção, a trajetória de certo indivíduo adquire um significado crucial ao se tornar um elemento constituinte – não apenas contido dentro, mas formador – da sociedade. Neste contexto, a memória desse indivíduo ganha uma grande relevância historiográfica. Com isso, as suas experiências pessoais, desejos, sofrimentos, decepções, privações e traumas são os pontos de referência que delineiam a singularidade de sua identidade como indivíduo social (Ferreira, 1997).

Reconhecer e valorizar a singularidade das memórias e dos relatos pessoais não só enriquece a historiografia, mas também promove uma compreensão mais profunda da identidade social e da construção de sociedades mais inclusivas e democráticas. Uma abordagem metodológica que integra essas dimensões subjetivas e contextuais não apenas expande as possibilidades da pesquisa histórica, mas também fortalece a capacidade histórica de entender e conectar o passado com o presente.

A partir desses contributos, este trabalho se propõe, portanto, a analisar a trajetória desse docente da UFRJ antes, durante e após a ditadura civil-militar brasileira (1965-1985), perpassando os principais acontecimentos que marcaram sua vida nesses períodos. Para esse fim, foi adotada uma abordagem metodológica de natureza qualitativa, baseada nos princípios descritos por Aires (2011) e complementada pela perspectiva de estudo de caso, seguindo a estrutura sugerida por Yin (2005).

As principais fontes utilizadas neste estudo, incluindo documentações sobre a repressão durante a ditadura e periódicos de época, estão disponíveis para livre consulta no Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN)² e na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional³.

A trajetória de Wanderley Guilherme dos Santos (1935-1954)

2 O Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN), disponível em: <https://sian.an.gov.br>

3 A Hemeroteca Digital Brasileira, disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>

Primeiros anos de Wanderley Guilherme Dos Santos (1935-1954)

Wanderley Guilherme dos Santos nasceu no dia 13 de outubro de 1935 no bairro Catumbi, na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Foi filho do paraibano Eliseu Guilherme dos Santos e de Maria Conceição Pereira dos Santos. Por parte de sua família paterna, foi ascendente de europeus, indígenas e africanos. Já na linhagem materna, foi neto direto de portugueses. Nasceu e cresceu em uma família de classe média baixa.

Aos quatro anos de idade, seus pais se mudaram para um vilarejo em Vila Isabel, um bairro modesto ainda na então capital federal, onde residiu até os seus 16 anos. Quando tinha apenas seis anos, seu pai faleceu. Após esse acontecimento, sua tia-avó e seu tio-avô se mudaram para a casa da família, com o intuito de auxiliar sua mãe, que ficou viúva aos 21 anos, nas tarefas domésticas e na criação da criança (Santos, 2011).

Maria Conceição Pereira dos Santos incentivava e investia nos estudos do filho. Sendo assim Wanderley quando criança e adolescente, frequentou pequenos colégios particulares da região da Zona Norte do Rio de Janeiro. No primário, foi matriculado na Escola João Lyra, na rua Barão de Bom Retiro. Depois estudou, até completar o antigo ginásio, no já Instituto Rabelo, que se localizava na rua Mariz e Barros, no bairro Tijuca. Concluiu o antigo ginásio no segundo colégio. Segundo o próprio Wanderley Guilherme, “estudava e era um dos poucos que estudava, todos os colegas de rua eram de família pobre também e nem todos estudavam. Eu estudava por gosto” (Santos, 2011, p. 5)

os 16 anos mudou-se para o bairro Tijuca e após finalizar o período ginásial fora estudar no Instituto LaFayette, onde concluiu os seus dois primeiros anos científicos. Por vontade própria, resolveu começar a trabalhar para financiar suas leituras, devido a essa nova configuração precisou estudar a noite para tanto mudou-se para o Colégio Frederico Ribeiro, na Rua do Ouvidor. Em suas incessantes buscas por emprego em serviços de escritório, fez curso de datilografia e estenografia, mas nunca conseguiu uma oportunidade (*ibidem*).

Desde pequeno, Wanderley Guilherme interessava-se pela leitura, ainda que não houvesse muitos livros em casa. Seu interesse iniciou-se com um colega de classe do segundo ano do ginásial e a partir de obras da antiga Coleção Saraiva. Mas, segundo o próprio, seu gosto era meramente *casual*, tendo em vista que sua tia-avó e seu bisavô eram analfabetos e sua mãe estava sempre muito ocupada com o trabalho. Nesse contexto, de acordo com Wanderley Guilherme,

Eu queria conhecer as histórias. Não era, digamos, a literatura no sentido estético enquanto literatura, eu gostava dos enredos – eu queria saber das histórias [...]. Era o enredo que me atraía, não era a literatura enquanto literatura. Mas foi assim que começou, uma coisa leva a outra, e levou a tudo isso (Santos,

Durante o ciclo científico, Wanderley Guilherme teve contato com a disciplina de Filosofia, embora seu interesse inicial para o ensino universitário fosse Psicologia, acreditando que essa área estaria mais alinhada às suas inclinações. No entanto, na época, Psicologia era oferecida como uma disciplina dentro do curso de Filosofia, já que ainda não existia um curso independente no Rio de Janeiro. Com o tempo, ele mudou de ideia. O professor Luiz Carlos Saroldi, que lecionava Filosofia no Colégio Frederico Ribeiro, fez despertar um maior interesse pela Filosofia do que pela Psicologia. Ele concluiu o ciclo científico em 1954, profundamente fascinado pelas possibilidades do campo filosófico.

A militância estudantil e *subversiva* (1954-1964)

Wanderley Guilherme dos Santos foi aprovado em quinto lugar no vestibular e, em 1956, iniciou sua graduação em Filosofia pela Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi) da antiga Universidade do Brasil (UB), atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi a sua primeira experiência com a educação pública. No primeiro ano do curso, encantou-se ainda mais com a Filosofia e a sua história, mesmo que ainda gostasse um *pouquinho* de Psicologia, segundo suas considerações (Stein; Sapia, 2004).

Nesse contexto, atuou ativamente no movimento estudantil carioca e nacional. Ainda no ciclo científico, começou a se interessar minimamente por política em meio à crise de agosto de 1954 com o suicídio de Getúlio Vargas (1882-1954) e das heranças lacerdistas de sua família de origem. Mas, de fato, foi na faculdade que esse interesse aflorou, por ter tido um envolvimento maior com a vida política do estado.

Em seu segundo ano, foi eleito representante do departamento de Filosofia no Conselho Departamental. Além disso, enquanto discente da instituição, em 1957, foi eleito por uma margem de 53 votos, presidente do Diretório Acadêmico (DA) da UB, sucedendo o formando em matemática Constantino Menezes de Barros. Por suas atuações, no mesmo ano, o Conselho de Representantes da FNFi o elegeu como um dos seus delegados ao XX Congresso Nacional de Estudantes, promovido pela União Nacional dos Estudantes (UNE), no Distrito Federal (DF).

Em agosto de 1957, tomou as rédeas de uma polêmica dos estudantes do Rio de Janeiro com o então ministro da Educação e Cultura, Clóvis Salgado da Gama (1906-1978), que ocorreu no I Seminário Nacional sobre a Reforma do Ensino Superior. Na ocasião, o ministro externou suas críticas às Faculdades de Filosofia, em prol do Ensino Técnico. A proposta do ministério era a criação do Instituto de Educação do Colégio Pedro II. Em meio a um clima de possível extinção da sua instituição, o presidente do DA teceu suas críticas à decisão e até ameaçou com greves regionais e nacionais. Logo no mês seguinte, o

discente abaixou o tom e propôs a via do debate em torno da polêmica questão.

Ao longo da década de 1950, Wanderley Guilherme, em sua militância estudantil, também se mostrava a favor da reforma do Ensino no Brasil e da campanha de desengavetamento do Projeto de Bases e Diretrizes da Educação Nacional no Congresso Nacional. Nesse contexto, enquanto dirigente universitário, também foi integrante da Frente Estudantil de Ação Política e um dos componentes do Movimento Nacionalista Brasileiro⁴. Dedicava-se bastante de seu tempo ao cargo discente e, por isso, acabava, por vezes, negligenciando seus estudos na FNF, segundo relatos do próprio Santos (2011).

Durante sua passagem pela Faculdade, Wanderley Guilherme se considerava um militante nacionalista. Travava grandes discussões com as teses correntes da política brasileira. Nessa via, juntamente com seu colega de curso, Carlos Estevam Martins, publicava seus comentários sobre política nacional no jornal *O Metropolitano*, um diário de notícias dos estudantes da própria instituição que era o mais importante do movimento estudantil do Rio de Janeiro (Ferreira, 2001). As suas análises publicadas eram assinadas pelo pseudônimo Carlos Guilherme, a união dos dois nomes.

Futuros dossiês produzidos pelos órgãos de segurança durante a ditadura investigavam o representante discente como um dos alunos do curso de filosofia na FNF que teriam sido aliciados pela professora Maria Yedda Linhares, catedrática de História Moderna e Contemporânea, tida pelo futuro regime ditatorial militar “como comunista fanática” e “propagandista de ideias extremistas” (Ferreira, 2014).

Ao longo de sua formação, chegou a ser convidado por Eduardo Prado e Mendonça, catedrático de Filosofia Geral, e Newton Campos, catedrático de Psicologia, para ingressar em uma carreira de assistente dos responsáveis das cátedras. Entretanto, por razões extra-acadêmicas e de incompatibilidade de áreas, respectivamente, acabou declinando dos convites e não iniciou nos cargos.

Posteriormente, o professor Álvaro Borges Vieira Pinto, catedrático de História da Filosofia, fez o mesmo convite e, dessa vez, ele aceitou. Sua expectativa era seguir a carreira da docência universitária, especificamente em filosofia grega pré-socrática. Todavia, não sabia falar grego, o que o incomodava, posto que “não engolia o fato de ser um professor de Filosofia grega sem saber grego. Não existe isso” (Santos, 2011). Por isso, foi se afastando dessa sua predileção com os pré-socráticos e focou mais na epistemologia e nas ideias.

Nos momentos finais de sua graduação, Wanderley Guilherme começou a atuar como

4 O Movimento Nacionalista Brasileiro (MNB) foi uma organização civil nacional criada no mês de junho de 1957 na então capital federal, Rio de Janeiro, visando buscar a independência econômica do Brasil. As suas pautas levantadas rondavam em torno da defesa das indústrias nacionais, do livre comércio internacional, da independência da política externa, da reforma agrária, da defesa da Petrobras e da soberania nacional. Entretanto, o MNB não conseguiu se estruturar organicamente por muito tempo.

um dos professores de um pré-vestibular de Filosofia que era dirigido pelo DA e ocorria nas dependências da FNFi, dirigida à época pelo professor Eremildo Luiz Vianna, eleito em 1957, em meados do mandato de Wanderley Guilherme no Diretório⁵. O curso preparatório reunia alunos concluintes dos cursos da Faculdade e a contribuição era remunerada. Coordenada por Carlos Estevam Martins, a ação, todavia, foi acusada de propagar a ideologia marxista, cooptar os mais jovens, difundir doutrinas subversivas e incitar práticas imorais, desonestas e anti-familiares.

Ao longo de dois anos, um longo inquérito disciplinar foi aberto, a pedido da Congregação da Faculdade. Uma comissão de docentes da casa analisou a situação gerada em torno das acusações proferidas contra o curso preparatório. Com sua conclusão, em dezembro de 1960, Wanderley Guilherme e outros graduados foram proibidos de acessar os recintos da FNFi.

Anteriormente, Wanderley Guilherme já havia prefigurado em outro inquérito administrativo da Faculdade, em virtude do famigerado caso do *Clube da Cueca* ou *Clube do Amor Livre*, em torno de um possível envolvimento amoroso entre um catedrático da FNFi e uma aluna do curso preparatório. Por conta desse inquérito, o professor Vieira Pinto impediu a ocupação do cargo como seu assistente.

No ano de 1958, graduou-se em Filosofia pela FNFi, no mesmo ano que teria havido a fundação de uma Organização de Base do Partido Comunista Brasileiro na instituição, segundo relatórios da ditadura. Sobre a sua passagem pela instituição, Wanderley Guilherme deixava claro a importância que a Faculdade teve para a sua formação enquanto intelectual e cidadão, como fica evidente em suas palavras no excerto abaixo.

A minha educação foi feita na universidade. A educação de vida foi feita na rua, em Vila Isabel. Tudo aquilo que são valores, digamos, liberais ou tradicionais – amizade, lealdade, honestidade etc. – eu aprendi na rua. O que é ser leal... Em situações de rua e bairro, quer dizer, onde têm brigas de bairro contra bairro; onde têm pobres e remediados. O grande problema da honestidade, do respeito à propriedade do outro – aquilo que era do outro, quer dizer, bola ou camisa que fica marcando baliza no chão. Então todos esses valores que nós levamos,

5 Segundo as recordações de Wanderley Guilherme dos Santos, a eleição do professor Eremildo Luiz Vianna, catedrático de História Antiga e Medieval concursado desde 1946, teria acontecido por meio de uma coalizão progressista na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi). Em 1957, foi eleito. Entretanto, rapidamente, teria se transformado em uma figura extremamente reacionária e conservadora, não promovendo, por exemplo, concursos às cátedras que estavam sendo ocupadas por catedráticos interinos. A postura da nova direção divergia das propostas estudantis e, por isso, havia choques com o Diretório. Ver Santos, 2011. Eremildo Vianna foi diretor da FNFi até 1963. Com a dissolução da Faculdade em virtude da ditadura, passou a ser diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) por quase todo o regime militar, sendo um dos seus principais colaboracionistas no interior da nova Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

eu aprendi na rua – nunca mais eu aprendi nada em lugar nenhum. A mesma coisa, pode reforçar... Reforço de dimensões novas, mas essencialmente eu aprendi aí. E intelectualmente, quer dizer, preocupações do mundo, eu aprendi na faculdade. Depois, foi acréscimo (Santos, 2011, p. 11-12).

Após sua conclusão, ficou cerca de um ano tomado por frustrações e indecisões quanto ao seu futuro profissional, mas continuou estudando de forma independente com alguns antigos colegas de curso. Em meados de 1959, foi convidado por um conhecido e começou a trabalhar de maneira remunerada como chefe de uma seção do setor de formação e treinamento de pessoal no Departamento Nacional do Serviço Social do Comércio (SESC) (Santos, 2011).

Seguiu nessa função até que, no início de 1960, o professor Vieira Pinto novamente o convidou para ser seu assistente voluntário, mas agora no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), e o recém graduado prontamente aceitou. Com a orientação do docente, passou a pesquisar sobre o consagrado pensamento filosófico no Brasil, atuando na parte da manhã no SESC e de tarde no ISEB. Atuou no ISEB de 1960 até 1964, quando houve a extinção da instituição em decorrência do início da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985).

Nesse período também foi encarregado do Departamento Cultural de Filosofia do ISEB, nomeado pelo professor Vieira Pinto, que se tornou o diretor da instituição. Foi a partir de sua experiência no Instituto que se envolveu mais ativamente com a problemática político-social, para além da filosofia (Santos, 2011). Desse modo, descobriu que “[...] não era mais Filosofia que eu queria fazer profissionalmente” (*apud* Stein; Sapia, 2004, p. 41).

Por conta desses envolvimento, Wanderley Guilherme continuou atuando ativamente no campo da política. Em 1960, adentrou em um engajamento político e em uma militância em causas sociais. Passou rapidamente pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), em que conheceu outros alunos e lideranças estudantis. Também passou a atuar em projetos de Educação Popular em algumas favelas e bairros populares do Rio de Janeiro, ministrando aulas de alfabetização na Favela do Acari, no Morro da Coroa e no Morro de Santa Tereza, onde residia (Santos, 2011).

Em meio a crise institucional de 1962, Wanderley Guilherme, aos 27 anos de idade, publicou o polêmico “Quem dará o golpe no Brasil?” (1962), de orientação marxista. Ainda neste ano, o filósofo, muito antenado na geopolítica internacional, assinou um abaixo assinado contra o bloqueio econômico sofrido por Cuba. Nesse ano também chegou a militar no movimento das Ligas Camponesas e, nele, contribuiu para a constituição do Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT), sob liderança de Francisco Julião. De março a outubro, atuou como editor do jornal *Liga*, juntamente com o poeta Ferreira Gullar

(Pinto, 2019). No mês de novembro, foi conferencista da temática “classes sociais e desenvolvimento” em um ciclo de palestras no antigo salão da UNE, promovido pelo Diretório Acadêmico da Escola Brasileira de Administração Pública.

No ano seguinte, assinou um telegrama da Associação Brasileira de Solidariedade ao Povo Paraguaio em prol da libertação de presos políticos no Paraguai, enviado ao ditador Alfredo Stroessner (1912-2006), apelando pela liberdade de Antonio Maidana, Julio Rojas e outros. Ainda em 1963, o graduado concluiu uma especialização de dez meses em Problemas do Desenvolvimento Econômico em um curso ofertado em decorrência de um acordo entre a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE). Em 28 a 30 de março deste ano, também atuou ativamente no Congresso Continental de Solidariedade a Cuba, ocorrido em Niterói (RJ), expressando apoio público e assinando convocatória desde o dia 10 de outubro de 1962.

Em agosto do mesmo ano, começou a lecionar em um curso de Introdução aos Problemas Brasileiros, realizado na Escola Nacional de Engenharia, vinculada à UB. Nesse período, também atuou como conferencista em debates promovidos pelo ISEB. O professor foi demitido do SESC em outubro de 1963. “Não tem mais necessidade de serviço”, alegaram. Porém, foi em virtude de suas posições ideológicas. Por essa razão, aliada a realização do curso em desenvolvimento econômico, resolveu que daria um tempo na militância, mas continuaria assinando manifestos (Santos, 2011).

No mesmo período, o docente envolveu-se em outra perseguição devido ao seu posicionamento político. O Conselho Departamental de Filosofia foi procurado a fim de dar seu parecer a uma série de conferências organizada pelo Centro de Estudos Filosóficos sobre marxismo, existencialismo e cristianismo nas dependências da FNFfi. O órgão teria permitido a realização das palestras da série de conferências, mas apenas teria se oposto à presença de Wanderley Guilherme dos Santos, alegando a sua proibição em acessar os recintos da instituição em virtude do veredicto da Congregação de Filosofia em fins de 1960. Essa decisão gerou um clima de insatisfação entre os alunos, que acusavam a direção de ter tido uma deliberação parcial e enviesada.

Contrários à resolução do Conselho, alguns discentes da FNFfi começaram a distribuir panfletos de protestos contra a direção da unidade e contra a Congregação da UB. Além disso, contrariando as ordens dados, os alunos afirmaram que a conferência ocorreria a todo custo no Salão Nobre da instituição. Em meio a essa ameaça, o diretor Eremildo Vianna advertiu o DA e ordenou o trancamento das dependências da Faculdade.

No entanto, em 16 de outubro de 1963, como o salão estava trancado, a conferência foi realizada de forma clandestina, com a participação do palestrante proibido, que entrou pela janela utilizando escadas e cordas. As portas do quinto andar foram arrombadas e o

Salão Nobre da Faculdade foi ocupado. Além de cerca de 200 alunos, marinheiros e operários, a reunião contou com as presenças ilustres do desembargador Elmano Cruz, instrutor da Faculdade Nacional de Direito e de Alvércio Moreira Gomes, docente da FNFfi.

Essa atitude fez com que diversos alunos fossem suspensos pela direção da Faculdade. Dentre os discentes presentes, os “mais exaltados”, segundo relatório militar, teriam sido: Adir Moisés Luiz; Amauri Cano; Elias Mansour Simão Filho; Élio Gáspari; Enylton José de Sá Rêgo; Fernando Bunchaft; Flávio Silva; Ismar Burchaft; João Guilherme Vargas Neto; Oderfla Silva Almeida; Paulo Lobo de Medeiros; Raquel Teixeira; Regina do Prado; Ruben Cesar Fernandes; Sérgio Salomé Silva; Victória Grabois; Wilson do Nascimento Barbosa; Yedda Botelho Salles. Todos os alunos acima foram fichados por esse e por outros motivos. No dia 17 de outubro, as medidas de suspensão de cerca de 12 matrículas feitas pelo diretor Eremildo Vianna foram aprovadas unanimemente pelo Conselho Universitário da UB.

Até a eclosão do golpe militar em 1964, Wanderley Guilherme ocupava o cargo de professor de cursos isolados da parte especial do quadro de pessoal do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Segundo dados de relatórios de 1964, o docente chegou a ministrar 14 aulas no curso de treinamento intensivo em teoria social na UB. Também teria sido membro fundador do Comando dos Trabalhadores Intelectuais (CTI) e integrante da “Sociedade Cultural Sino-Brasileira”.

Os impactos da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985)

No dia 09 de outubro de 1964, o presidente Humberto de Alencar Castello Branco (1897-1967) aposentou compulsoriamente Wanderley Guilherme dos Santos da sua função de professor de cursos isolados do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), vinculado ao MEC, com base no artigo 7 do Ato Institucional nº 1. A sua aposentadoria do cargo foi publicada neste mesmo dia no Diário Oficial da União. Também foi incluído na lei nº 1.802/1953, a antiga Lei de Segurança Nacional (LSN).

Com a cassação,

no pós-64 eu fiquei muito afastado, eu não tinha como me mobilizar, eu tinha que prestar depoimento quase semanalmente. Todo mundo que teve uma militância anterior ficou com medo em 64 [...], ficamos assustados porque viver um golpe não é fácil (*apud* Stein; Sapia, 2004, p. 43, 45).

Não chegou a ser preso pelo regime, mas ficou desempregado, tendo exemplares de seus livros sido apreendidos pela repressão. Passou por um longo tempo trabalhando como tradutor de livros de bolso em espanhol que eram comercializados em diversas bancas de jornais, ganhando setenta cruzeiros por volume.

Em 1965, a partir de uma indicação do economista Gilberto Paim, tornou-se um dos membros da equipe do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), um dos estabelecimentos da Sociedade Brasileira de Instrução (SBI), do Grupo Candido Mendes. O objetivo da nova instituição era recriar o ISEB, segundo o próprio Candido Mendes, porém *mais moderno* (Santos, 2011).

No dia 23 de maio de 1967, Wanderley Guilherme foi conferencista de um seminário organizado pela Frente de Cultura Popular, acerca do tema “Obstáculos Internacionais ao Desenvolvimento”, segundo um relatório do Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica. Organizado pela União Metropolitana dos Estudantes (UME), o evento ocorreu noturnamente no Colégio Brasileiro de Almeida. Duas semanas depois, no dia 07 de junho, também foi palestrante sobre o tema “Política e Desenvolvimento” no primeiro seminário de estudos econômicos, promovido pelo Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Econômicas, em Belo Horizonte (MG).

Nesse mesmo ano, foi contemplado com uma bolsa do programa de financiamento de um convênio da Fundação Ford com a SBI, que mantinha o IUPERJ. Com isso, realizou o seu doutoramento em Ciência Política pela Universidade de Stanford, no oeste dos Estados Unidos, onde ficou até 1970. Indo para estudar política e não sociologia (*ibidem*), foi a partir dessa experiência internacional que, de fato, começou a “produzir trabalhos com rigor e formação sistemática” (Dulci, 2013, p. 169).

Sobre sua experiência em Stanford e saída do Brasil, Wanderley Guilherme pontua

eu fui para os EUA estudar Política no Departamento de Política da Universidade de Stanford, em 1967. Em Stanford, pela primeira vez, eu era o mais velho da turma, eu já tinha três filhos e tinha três livros publicados. Saí daqui como uma pessoa mais ou menos pública, pelo menos conhecida. Sofri um certo impacto, lá eu era simplesmente um latino-americano [...]. Quando saí do Brasil, eu não era mais marxista, embora no Brasil também tivesse deixado de ser socialista. Deixei de ser marxista, mas acho que eu nunca fui, porque eu sempre fui um intelectual pequeno-burguês. Eu nunca me senti bem, tinha coisas que eu achava que o marxismo não me respondia (*apud* Stein; Sapia, 2004, p. 42, 46).

No primeiro trimestre de 1969, 187 cientistas residentes nos Estados Unidos externaram seus desejos de retornar ao Brasil, fazendo um pedido formal à embaixada brasileira em Washington. Um deles foi Wanderley Guilherme dos Santos, residente na Califórnia e doutorando na Universidade de Stanford. Partindo dessa vontade em massa, a Direção Executiva da Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) foi acionada, que manifestou a sua opinião de convergência com as solicitações e agiu em direção a tais conclusões.

Nos anos de 1960 e 1970, Wanderley Guilherme foi um dos representantes da pioneira geração de cientistas sociais do país e foi um dos responsáveis pela institucionalização da disciplina de Ciência Política no Brasil (Forjaz, 1997). Em meados de 1970, quando retornou ao Brasil, passou a ser detentor da cátedra de Ciências Políticas da Universidade Candido Mendes (UCaM), passando a atuar como pesquisador e professor-adjunto do programa de mestrado em Ciências Políticas e Sociais do IUPERJ, iniciado de forma incipiente em 1969, a partir de seus auxílios quando ainda estava nos Estados Unidos (Santos, 2011).

[...] Duas vezes nós fomos invadidos pela polícia atrás de estudante. Não dos professores, mas de estudante. E nós, por isso mesmo, nós não tínhamos, dos estudantes, o nome e a ficha escolar – o currículo escolar. Não tinha telefone, não tinha endereço, não tinha nada. E a polícia ficava possessa; esculhambava; e dizia: “Essa é uma instituição assim e assada.” Palavões e tudo. “Isso não vale nada. Como é que numa instituição não tem nada? Como é que vocês não sabem? Uma vez, prenderam um secretário-geral, que era um administrativo – era um rapaz ligado à igreja. Mas o Cândido, em vinte e quatro horas, resolveu; foi lá, à igreja, e tal. Nós tivemos duas vezes isso [...] (Santos, 2011, p. 34-35).

Em 1972, participou do Seminário sobre Indicadores Sociais do Desenvolvimento Nacional da América Latina, entre os dias 09 e 14 de maio, no Hotel Nacional, na antiga Guanabara. Sendo organizado pelo *International Social Science Council*, pelo Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais e pelo IUPERJ, o evento teve como participantes outros professores renomados, como Fernando Henrique Cardoso, Antônio Candido Mendes, Francisco Weffort, José Murilo de Carvalho, além de docentes internacionais.

No primeiro bimestre de 1974, também foi admitido como novo sócio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, à época, considerada “a maior associação científica do Brasil” (Ciência e Cultura, 1974, p. 2). Nesse mesmo ano, também foi professor visitante do Departamento de Ciência Política da Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos.

Em 1975, o pesquisador foi contratado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) com o objetivo de dirigir investigações acerca da aplicação de recursos do INPS, PIS e PASEP. No dia 26 de maio do mesmo ano, participou como um dos comentaristas da sessão “Desenvolvimento Político: Novas Perspectivas de Pesquisa” de uma conferência sobre História e Ciências Sociais, realizada na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) entre 26 e 30 de maio.

No ano de 1978, participou de um ciclo de debates realizado no Teatro Casa Grande, acerca da temática “conjuntura nacional”, promovido pelo Centro Brasil Democrático (CEBRADE). Em 1979, defendeu sua tese de doutoramento intitulada *The calculus of con-*

flict: impasse in Brazilian politics and the crisis of 1964 e, assim, obteve o título de doutor em Ciência Política pela Universidade de Stanford. Foi orientado por um comitê formado por Robert Packenham, Heinz Eulau e Gabriel Almond (Santos, 2011).

Com o tempo, consolidou-se como um dos cientistas brasileiros mais respeitados do país. Ao longo de alguns anos, foi diretor e a principal liderança intelectual do IUPERJ, atual Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). No início de 1979, foi substituído do cargo de diretor-executivo pelo professor César Guimarães. Em 1980, foi professor visitante da Universidade de Stanford. Durante o biênio de 1983 e 1984, foi presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), sendo um de seus membros fundadores (Santos, 2011).

Nesses anos, Wanderley Guilherme dos Santos desempenhou um papel crucial na resistência intelectual à ditadura militar no Brasil. Após sua aposentadoria forçada em 1964, enfrentou períodos de desemprego e vigilância, mas continuou sua trajetória acadêmica. Sua atuação na década de 1960 e 1970, incluindo participação em eventos e seminários, consolidou sua posição como um dos principais cientistas políticos do país. O retorno ao Brasil e seu trabalho no IUPERJ, apesar da repressão policial, demonstraram seu compromisso com a pesquisa e a educação brasileiras.

Trajetória após a ditadura civil-militar brasileira (1985-2019)

Após algumas desavenças políticas e ideológicas com o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e com outros grupos ligados à esquerda no Brasil, Wanderley Guilherme dos Santos passou a se considerar um intelectual pequeno-burguês, apartidário e de esquerda, desvinculando-se da extremidade do espectro (Santos, 2011). Foi professor titular aposentado de Teoria Política da UFRJ e pesquisador titular do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da UERJ.

No dia 03 de setembro de 2008, por meio do decreto legislativo nº 748/2008, a Câmara Municipal do Rio de Janeiro, sob presidência do vereador Aloisio Freitas, concedeu o título de Cidadão Benemérito do Município do Rio de Janeiro ao renomado cientista político. A decisão foi publicada na terceira página do Diário Oficial do Poder Legislativo do Município do Rio de Janeiro de 04 de setembro de 2008.

Entre 2011 e 2013, foi presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), autarquia do Ministério da Cultura. Além disso, foi integrante do Conselho de Orientação do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Também implantou e dirigiu o Laboratório de Estudos Experimentais (LEEX) na Universidade Candido Mendes (UCaM), em que chegou a desempenhar o cargo de Pró-Reitor Acadêmico (Santos, 2011).

Ao longo de sua vida, publicou dezenas de artigos e mais de trinta livros. Por suas

contribuições bibliográficas, foi congratulado com quinze premiações⁶. Aos 86 anos, Wanderley Guilherme dos Santos faleceu no dia 25 de outubro de 2019 na cidade do Rio de Janeiro em decorrência de uma pneumonia.

Considerações finais

A análise da trajetória de docentes cassados pelas instituições de ensino durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) revela a profundidade do impacto autoritário nas Universidades. Esses profissionais não apenas enfrentaram repressões diretas, como demissões compulsórias e aposentadorias forçadas, mas também sofreram com a censura e o cerceamento de suas atividades acadêmicas e intelectuais.

O caso de Wanderley Guilherme dos Santos, que foi demitido compulsoriamente e teve exemplares de seus livros apreendidos, ilustra a perseguição sistemática enfrentada pelos acadêmicos que se destacavam por suas posições políticas e críticas. Sua resistência intelectual e sua importância para o campo das Ciências Humanas no Brasil reforçam a necessidade de preservação e divulgação de suas memórias e contribuições para a comunidade científica.

Por meio da valorização de suas memórias e feitos, esta pesquisa contribui para uma historiografia mais inclusiva e sensível desse capítulo da história nacional. A integração dessas dimensões subjetivas e contextuais fortalece a capacidade de conectar o passado com o presente, oferecendo contribuições para a construção de uma sociedade mais democrática e consciente de sua história.

Portanto, ao analisar a trajetória de Wanderley Guilherme dos Santos e de outros professores da Universidade, este trabalho não só apresentou os impactos negativos da ditadura civil-militar na UFRJ e em outras instituições, mas também reforçou a importância da memória pessoal, da identidade institucional e da resistência intelectual na construção de um futuro mais justo e democrático para o Brasil.

Recebido em 13 de agosto de 2024.

Aprovado para publicação em 22 de outubro de 2024.

6 O pesquisador foi agraciado com 15 prêmios, entre os quais a Medalha Minerva (2004) e o Prêmio Literário da Academia Brasileira de Letras na categoria Ensaio, Crítica e História Literária, também em 2004. Ao longo de sua trajetória como escritor, recebeu o Prêmio Victor Nunes Leal da Associação Brasileira de Ciência Política, no Concurso Brasileiro de Livros em Ciência Política e Relações Internacionais. Além disso, em 2004, foi premiado pela Academia Brasileira de Letras na categoria Ensaio.

Referências

AIRES, Luísa. **Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional**. Lisboa: Universidade Aberta, 2011.

DULCI, Otavio Soares (Org.). **Leituras críticas sobre Wanderley Guilherme dos Santos**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral, comemorações e ética. **Projeto História**. Ética e História oral, São Paulo, n. 15, p. 157-164, abr. 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11227>. Acesso em: 21 jul. 2024.

FERREIRA, Marieta de Moraes. O Metropolitano (Verbetes). In: ABREU et alii (Coord.). **Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930** (Volume 4). 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV/CPDOC, 2001, pp. 3795-3796.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Ditadura militar, universidade e ensino de história: da Universidade do Brasil à UFRJ. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 66, n. 4, p. 32-37, dez. 2014. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v66n4/a12v66n4.pdf>. Acesso em: 05 out. 2021.

FORJAZ, Maria Cecília Spina. A emergência da Ciência Política acadêmica no Brasil: aspectos institucionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 12, n. 35, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69091997000300007>. Acesso em: 17 mar. 2022.

GUILHERME, Wanderley. **Quem dará o golpe no Brasil?** Cadernos do Povo Brasileiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

LYNCH, Christian Edward Cyril. Um pensador da democracia: a ciência política de Wanderley Guilherme dos Santos. **Dados**, v. 63, 2020.

PINTO, João Alberto da Costa. Wanderley Guilherme dos Santos no ISEB e o estudo das contradições históricas dos destinos políticos da revolução brasileira (1962-1964). In: Encontro Internacional História e Parcerias, 2., 2019, Rio de Janeiro, **Anais [...]** Rio de Janeiro: ANPUH, 2019. Disponível em: https://www.historiaeparcerias2019.rj.anpuh.org/resources/anais/11/hep2019/1570537146_ARQUIVO_fbef75cafb35acd70eb8fcf8a-

44b1ba0.pdf. Acesso em: 19 mar. 2022.

REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escala**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **Wanderley Guilherme dos Santos III** (depoimento, 2011). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV), (3h 9min). Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/wanderleyguilhermedossantos>. Acesso em: 18 mar. 2022.

STEIN, Leila de Menezes; SAPIA, Ricardo. Ciências sociais e trajetória intelectual: entrevista com Wanderley Guilherme dos Santos. **Revista Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 16, p. 37-55, 2004. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/142>. Acesso em: 19 mar. 2022.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.